

DOI: <https://doi.org/10.22484/2177-5788.2025v51id5708>

EDUCAÇÃO EM VALORES E EDUCAÇÃO MIDIÁTICA NO NOVO ESPAÇO PÚBLICO MIDIÁTICO: INTERNET E SUAS REDES SOCIAIS¹

Education in Values and Media Education in the New Public Media Space: Internet and its Social Networks

Educación en Valores y Educación Mediática en el Nuevo Espacio Público Mediático: Internet y sus redes sociales

Thereza Carolina Gonçalves Vieira²

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-9898-4372>

E-mail: tcarolina248@gmail.com

Alexandra Bujokas de Siqueira³

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-5397-5192>

E-mail: alexandra.siqueira@uftm.edu.br

Resumo: Vivemos a era digital, a qual confirma a relevância da chamada aprendizagem informal, que ocorre fora da escola (ou na própria escola), à margem do currículo oficial. É necessário, pois, considerar até que ponto determinado ambiente influencia ou não, a formação em valores de um indivíduo. Nesse contexto, onde as fontes institucionalmente e historicamente destinadas à educação sofrem mudanças, qual o papel da escola hoje, se a informação, os conteúdos técnicos e o conhecimento teórico estão à disposição de todos na internet? Hoje, o que merece atenção é, também, ensinar aos indivíduos a usarem a internet, desenvolvendo sua capacidade de analisar e filtrar informações, desenvolvendo, enfim, o pensamento crítico. Com base nos pressupostos de autores e filósofos antigos e contemporâneos como Aristóteles, Platão, Rousseau, Jaeger dentre outros, buscamos compreender um pouco mais sobre as questões relacionadas à formação em valores de jovens no contexto das redes sociais.

Palavras-chave: educação em valores; educação midiática; redes sociais.

¹ Este artigo é um recorte de uma pesquisa realizada para o curso de doutorado em Educação da Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM).

² Universidade Federal do Triangulo Mineiro (UFTM). Uberaba, MG, Brasil.

³ Universidade Federal do Triangulo Mineiro (UFTM). Uberaba, MG, Brasil.

Abstract: We live in the digital age, which confirms the relevance of so-called informal learning, which occurs outside of school (or in school itself), outside of the official curriculum. It is therefore necessary to consider to what extent a given environment influences or does not influence the formation of values in an individual. In this context, where the sources institutionally and historically intended for education are undergoing changes, what is the role of schools today, if information, technical content and theoretical knowledge are available to everyone on the internet? Today, what deserves attention is also teaching individuals how to use the internet, developing their ability to analyze and filter information, ultimately developing critical thinking. Based on the assumptions of ancient and contemporary authors and philosophers such as Aristotle, Plato, Rousseau, Jaeger, among others, we seek to understand a little more about the issues related to the formation of values in young people in the context of social networks.

Keywords: education in values; media education; social media.

Resumen: Vivimos en la era digital, lo que confirma la relevancia del llamado aprendizaje informal, que tiene lugar fuera de la escuela (o en la propia escuela), al margen del currículo oficial. Por tanto, es necesario considerar en qué medida un entorno determinado influye o no en la formación de los valores de un individuo. En este contexto, donde las fuentes destinadas institucional e históricamente a la educación sufren cambios, ¿cuál es el papel de la escuela hoy, si la información, los contenidos técnicos y los conocimientos teóricos están disponibles para todos en Internet? Hoy en día, lo que también merece atención es enseñar a las personas a utilizar Internet, desarrollar su capacidad de analizar y filtrar información y, en definitiva, desarrollar el pensamiento crítico. Partiendo de los supuestos de autores y filósofos antiguos y contemporáneos como Aristóteles, Platón, Rousseau, Jaeger, entre otros, buscamos comprender un poco más sobre las cuestiones relacionadas con la formación de valores entre los jóvenes en el contexto de la sociedad. redes.

Palabras clave: educación en valores; educación en medios; redes sociales.

1 INTRODUÇÃO

Vivemos, atualmente, na sociedade do conhecimento a qual é definida por um tipo de sociedade que já não mais se apoia na produção agrícola ou industrial, mas, na capacidade de pesquisar, inovar e produzir informação. Segundo Riegle (2007 *apud* Gómez, 2015, p. 14), do ponto de vista socioeconômico, vivemos a era em que a atividade principal dos seres humanos tem a ver com “a aquisição, o processamento, a análise, a recriação e a comunicação da informação”. Transformações substanciais ocorreram em três áreas fundamentais da vida social: na área da economia (no âmbito da produção e do consumo), no campo político (na esfera do poder) e, na sociedade e cultura (no domínio da experiência cotidiana) (Gómez, 2015). E, assim como as formas de produção e distribuição de bens materiais e imateriais transformaram-se substancialmente, a educação, igualmente, passou por uma mudança de paradigmas no que se refere tanto ao espaço quanto às fontes institucionalmente e historicamente destinadas à educação. Em tempos já idos (e não tão distantes assim), uma das primeiras disciplinas ensinadas era o be-a-bá apresentado em cartilhas com desenhos coloridos; a professora ao quadro-negro, juntando as letras e repetindo “vovô viu a uva”. Hoje, o que merece atenção (além da própria alfabetização) é, também, ensinar às crianças e aos jovens a usarem a *internet*, desenvolvendo nos educandos a capacidade de analisar e filtrar informações e não apenas a juntar letras, formando palavras e frases. Desenvolver, enfim, o pensamento crítico.

Antes do advento da *internet*, as fontes de informação consideradas científicas e educacionais (do ponto de vista acadêmico) eram os livros e periódicos, aos quais para se ter acesso deveríamos, obrigatoriamente, frequentar uma escola/universidade ou alguma biblioteca pública ou, ainda, para os mais abastados financeiramente, adquiri-los para sua própria biblioteca. Com a *internet* e sua popularização, isso mudou. Vivemos hoje, a era digital a qual confirma “a relevância da chamada aprendizagem informal, que ocorre fora da escola, ou na própria escola, mas à margem do currículo oficial” (Siemens, 2005). Segundo Moran (2007, p. 15), “toda a sociedade educa quando transmite ideias, valores, conhecimento e quando busca novas ideias, valores, conhecimentos”.

Família, escola, meios de comunicação, amigos, igrejas, empresas, *internet*, todos educam e, ao mesmo tempo, são educados, isto é, aprendem, sofrem influências, se adaptam a novas situações. Aprendemos em todas as organizações, grupos e pessoas aos quais nos vinculamos (Moran, 2007, p. 15).

Segundo Moran (2007, p. 15):

[...] toda a sociedade educa quando transmite ideias, valores, conhecimento e quando busca novas ideias, valores e conhecimentos.

Família, escola, meios de comunicação, amigos, igrejas, empresas, *internet*, todos educam e, ao mesmo tempo, são educados, isto é, aprendem, sofrem influências, se adaptam a novas situações. Aprendemos em todas as organizações, grupos e pessoas aos quais nos vinculamos.

Neste cenário globalizado da informação digitalizada, onde o acesso ao conhecimento é imediato, onipresente e acessível a todos, Gómez (2015, p. 14) pergunta:

Qual é o sentido da escola como a instituição que conhecemos? Uma pessoa pode acessar na rede a informação necessária, o debate correspondente, seguir a linha de pesquisa que lhe pareça mais oportuna, sem o controle de alguém denominado professor; e, se quiser, pode criar ou participar de várias redes de pessoas e grupos que compartilham interesses, informações, projetos e atividades, sem restrições temporais, institucionais ou geográficas. Em que mundo vivemos? Qual seria o sentido da escola que conhecemos nesse cenário?

A resposta para essa questão reside, talvez, na evolução da própria educação.

2 EDUCAÇÃO EM VALORES

A educação, com sentido na nossa realidade educativa atual começa na Grécia. São os gregos quem, pela primeira vez, colocam a educação como problema humano. A sociedade grega serviu de berço da cultura, da civilização e da educação ocidental, cuja ênfase era dada na formação integral do homem⁴ incorporando cultura e sociedade, de forma a atingir o ideal mais avançado da educação na antiguidade: a Paidéia (Gadotti, 2003). Jaeger (1995, p. 5) em sua obra Paidéia: a formação do homem grego, afirma que é impossível descrever em poucas palavras “a posição revolucionadora e solidária da Grécia na história da educação humana”. Não obstante, nos apresenta o conceito de Paidéia como processo de educação em sua forma verdadeira, a forma natural e genuinamente humana; a cultura construída a partir da educação; o homem deveria ser digno e bom, tanto para o governante quanto para o governado; não tinha como objetivo desenvolver ofícios e nem tampouco em apenas formar o homem, mas, sobretudo, desenvolver a nobreza do caráter e, principalmente formar o cidadão. Não somente preparar a criança para a vida adulta. O conceito de educação se amplia e passa a significar o resultado do

⁴ A palavra “homem” neste texto refere-se ao ser humano, independente do gênero sexual (masculino ou feminino).

processo educativo por toda a vida do homem (Jaeger, 1995). Na obra *As leis*, na qual Platão (2021) nos apresenta um diálogo hipotético com fins a compreender a conduta do cidadão frente às leis que lhe são impostas, muitos são os trechos onde a educação ganha destaque. Os interlocutores desse diálogo hipotético – o Ateniese e Clíncias – se colocam a refletir sobre a definição de educação (se falam da educação do ofício ou da educação da formação do homem?) e também, a respeito dos efeitos dessa educação (ou a falta dela).

Mas é imperioso que não deixemos que nossa definição de educação permaneça vaga, pois atualmente⁵ quando censuramos ou elogiamos a formação de um indivíduo humano, definimos um como educado e um outro como não-educado, a despeito deste último poder ser extraordinariamente bem educado no comércio como mascate ou como piloto de embarcação, ou ainda em algum a outra ocupação similar (Platão, 2021, p. 92).

Essa fala é precedida da definição sobre qual tipo de educação estão debatendo: a educação que forma o homem na virtude.

Mas nós, naturalmente, na presente discussão não estamos assumindo o parecer que coisas como essas constituem educação: a educação a que nos referimos é o treinamento desde a infância na virtude, o que torna o indivíduo entusiasticamente desejoso de se converter num cidadão perfeito, o qual possui a compreensão tanto de governar como a de ser governado com justiça. Esta é a forma específica de formação à qual, suponho, nossa discussão em pauta restringiria o termo educação, enquanto seria vulgar, servil e inteiramente indigno chamar de educação uma formação que visa somente à aquisição do dinheiro, do vigor físico ou mesmo de alguma habilidade mental destituída de sabedoria e justiça (Platão, 2021, p. 92).

Embora esse livro de Platão tenha sido escrito em 437 a.C., é impossível não notar como é atual seu pensamento no que se refere à formação humana voltada para a educação em valores ser a base para a existência de uma sociedade virtuosa. Citando Jaeger (1995, p. 3):

Todo povo que atinge um certo grau de desenvolvimento sente-se naturalmente inclinado à prática da educação. Ela é o princípio por meio do qual a comunidade humana conserva e transmite a sua peculiaridade física e espiritual.

E em não sendo, a educação, propriedade individual, mas, antes, pertencendo por essência a toda uma comunidade, é o caráter dessa mesma comunidade que será impresso em cada um dos seus membros através da própria educação, sendo fonte

⁵ 437 a.C

de toda e qualquer ação e comportamento. A educação está entremeada em toda a vida de uma sociedade: do seu crescimento ao seu destino, na sua estruturação interna como no seu desenvolvimento espiritual:

[...] e, uma vez que o desenvolvimento social depende da consciência dos valores que regem a vida humana, a história da educação está essencialmente condicionada pela transformação dos valores válidos para cada sociedade (Jaeger, 1995, p. 4).

A obra *A República* influenciou a escrita de outra obra que, também, destaca essa questão do caráter da comunidade estar conectado à forma como o governo trata a educação do seu povo. A obra é *Do Contrato Social* ou *O Contrato Social*, de Rousseau, escrita em 1762 e considerada uma das obras fundamentais da filosofia política. No prefácio de uma das inúmeras traduções dessa obra encontramos que “é impossível deixar de notar que se mantém a ligação estreita entre política e educação que Rousseau já encontrava em *A República* de Platão” (Burgelin, 1999). Em uma outra obra sua, *Emílio* ou *Da Educação*, Rousseau faz mais uma referência a Platão declarando ser esta “o mais belo tratado de educação jamais escrito”. Nas palavras de Rousseau (1995, p. 14) “se quiserdes ter uma ideia de educação pública, lede a *República* de Platão. Não é uma obra política, como pensam os que só julgam os livros pelo título: é o mais belo tratado de educação jamais escrito”.

Rousseau (1712 – 1778) foi um importante escritor, compositor, filósofo e teórico político. A área do Direito como, também, outras áreas das Ciências Humanas, foram profundamente influenciadas por suas ideias. Os conceitos de Estado, poder e soberania, tais como os conhecemos atualmente, foram desenvolvidos por ele. No Livro I de sua obra *Do Contrato Social*, ao argumentar sobre o seu direito (se o tinha ou não) de escrever sobre política, posto que, não era nem príncipe e nem, tampouco, legislador, diz que “nascido cidadão de um Estado livre [...] por frágil que seja a influência de minha opinião nos negócios públicos, o direito de votar basta para impor-me o dever de instruir-me a esse respeito” (Rousseau, 1999, p. 7). Proferida em 1762, o argumento de Rousseau para justificar o seu direito de falar sobre política nos parece bastante óbvio, afinal, se alguém tem o direito ao voto deve, também e, em igual medida, ter o dever de instruir-se a esse respeito!

Passados mais de 2.400 anos dos escritos de Platão sobre a formação humana voltada para a educação em valores ser a base para a existência de uma sociedade virtuosa; 262 anos desde os dias em que Rousseau declarou ser um dever procurar se instruir sobre algo em que somos chamados a decidir (votar, no caso); e, 90 anos após a primeira publicação da obra *Paidéia*, de Jaeger (1995), que estudou a fundo os ideais de educação da Grécia, ideais esses que envolviam não somente preparar a criança para a vida adulta, desenvolvendo ofícios, mas, sobretudo, desenvolver a nobreza de seu caráter e, principalmente formá-la cidadã, embasado na crença de

que o homem deveria ser digno e bom, tanto para ser o governante quanto para ser o governado, infelizmente, no Brasil ainda vemos ano após ano a educação sofrer um processo de postergação, como se estivesse sempre a ser deixada para o próximo governo, para a próxima gestão começar a promover a transformação necessária e urgente no campo educacional. E não sendo prioridade, em muitas ocasiões a educação, que deveria vir da escola e, também, ou principalmente, da família, vem através de outros personagens e ambientes. Quantas ações vimos serem desencadeadas pelo Estado como decretos e leis, tidas como “educativas”? Como exemplo, algumas leis de trânsito que têm como preocupação central comportamentos que, *à priori*, deveriam ser entendidos como “o normal” ou o esperado de um cidadão, mas, que, infelizmente, ainda precisam (ou voltaram a) ser administradas em forma de lei para que sejam exercidas pela comunidade. A exemplo, podemos citar algumas dessas preocupações centrais: dar preferência ao pedestre, embriaguez ao volante, excesso de velocidade, obrigatoriedade na prioridade nos assentos do sistema de transporte público (ônibus, trem, metrô) para pessoas idosas, gestantes e/ou mulheres com criança de colo ou pessoas portadoras de algum tipo de deficiência física. Ou seja, criam-se leis para obrigar a população a ter comportamentos civilizados,

Enquanto a própria educação, respeito e bom senso deveriam ser mais que o suficiente para que o cidadão se levante e conceda seu lugar a quem precisa. Isso não significa apenas a ausência da educação escolar, mas também a falta de uma sábia educação doméstica que ensine desde a infância os bons valores e não o “jeitinho brasileiro” que procura tirar vantagem em todas as situações (Zacarias, 2016).

Ao pensarmos sobre a educação em valores, devemos partir da premissa que a aprendizagem em valores não pode e não deve ser relegada apenas, ao plano doméstico, das famílias, pois, muitas vezes, a própria família da qual o estudante descende não traz em si, esses princípios morais e éticos necessários para se conviver em sociedade.

Existem “filhos” de famílias totalmente desestruturadas, destruídas por inúmeros fatores, que necessitam de referenciais, pois o jovem enfrenta hoje uma falta de referência. O mundo está direcionado a uma educação que precisa ser conseqüente, precisa constituir um cidadão que realmente contribua com liberdade e ação, autonomia de decisão, de forma crítica e consciente na sociedade em que vivemos. Para que ele assuma essa postura ele precisa ser ensinado ao exercício dela (Silva, 2012).

É necessário, pois, considerar até que ponto determinado ambiente influencia ou não, a formação em valores de um indivíduo. Para Reid (1991), o ambiente cibernético, as mídias sociais, têm forte influência sobre o sujeito, pois,

Esta comunicação tornou-se essencial para o nosso dia-a-dia, conduzindo a uma transformação social [...], pois estamos nos reestruturando através da

comunicação *online*, que nos possibilita um contato com um maior número de pessoas, interesses, oportunidades, recursos no âmbito pessoal e profissional, além de compartilhar experiências sem grandes envolvimento emocionais (Reid, 1991).

2 EDUCAÇÃO PARA A MÍDIA

Essa transformação social midiática com forte influência em nossos hábitos e, por conseguinte, no cotidiano, nos alerta que, por estarmos cada vez mais dependentes das redes sociais, uma nova postura perante a este processo de comunicação precisa ser refletida, pois, a educação acontece em todos os ambientes, a todo instante e pelos mais variados protagonistas e, da mesma forma que o indivíduo é educado constantemente e de muitas formas, assim também acontece com as influências que sofremos na construção dos valores. Ou seja: não há uma única fonte de influência. Segundo Feilitzen (2014, p. 16), a mídia pode sim, muitas das vezes, ter um lugar de destaque nessa questão, “especialmente quando não temos experiência – ou quando nós não recebemos informações e apoio do nosso ambiente pessoal”.

O que ocorre é que as muitas impressões mentais – concepções, ideias, sentimentos, experiências – que nós recebemos da mídia são misturadas com todas as nossas outras concepções, normas, valores, sentimentos, etc., decorrentes da nossa própria experiência, da família, escola e outros grupos, nossa cultura e país – impressões que são geralmente mais importantes. Tomados em conjunto, todos esses tipos diferentes de impressões – da mídia, das pessoas e das nossas próprias ações na vida real – aumentam ou diminuem nossa disposição para agir. Assim, não é apenas a mídia que molda nosso papel social de gênero, dá origem a injustiças baseadas na idade, gênero, ou afiliação sociocultural, ou que leva ao racismo, distúrbios alimentares, consumismo, isolamento, abuso sexual, pobreza, agressão, violência, guerra, etc. Mas, a mídia contribui se outros fatores estão trabalhando na mesma direção (Feilitzen, 2014, p. 16).

Reforçando essa reflexão quanto à influência da mídia na formação humana, Masetto (2011, p. 599) nos alerta para o que ele trata por bombardeamento diário e contínuo dos meios de comunicação.

Vivemos numa sociedade em que somos bombardeados continuamente por informações. Estas chegam até nós pelos diferentes meios de comunicação que acessamos diariamente: é o rádio, a televisão, são os jornais e revistas de grande circulação, os periódicos especializados, os livros publicados, a internet, os inúmeros sites, os periódicos eletrônicos, o contato direto com pesquisadores e especialistas a um leve toque de algumas teclas de nosso computador (Masetto, 2011, p. 599).

Esse volume infinito de informação fragmentada e complexa produz nos indivíduos que a consomem, saturação, desconcerto e, paradoxalmente,

desinformação. Segundo Gómez (2015, p. 18), os jovens que têm acesso ilimitado a uma enorme quantidade de informações fragmentadas que vão além da sua capacidade de organização em esquemas compreensivos, “dispersam a sua atenção e saturam a sua memória, o mosaico de dados não produz formação, e, sim, perplexidade e desorientação”. Por consequência, temos dois efeitos, *a priori*, paradoxais, mas, todavia, convergentes: a superinformação e a desinformação, pois, o excesso de informações fragmentadas dificilmente conduz ao conhecimento estruturado e útil. Outro aspecto que merece atenção refere-se à questão da socialização que, da mesma forma, foi transformada na era da informação. Os antigos cenários de socialização próximos, como a família, os grupos da escola, do bairro, a empresa, dentre outros, que são o campo das relações de experiência que singularizam a vida do indivíduo, “sofreram modificações significativas tanto na sua configuração interna como, especialmente, na sua posição relativa e na sua função de plataformas de socialização das novas gerações” (Gómez, 2015, p. 16). Ou seja, toda essa transformação influencia os cenários social, local e global de tal forma que os valores, interesses, códigos e aspirações acabam por ultrapassar os padrões culturais familiares fazendo com que os adultos próximos, que até então se constituíam em exemplos desses padrões culturais, deixem de sê-lo.

Neste complexo, inovador e acelerado contexto social e simbólico, acontece a socialização da maioria dos indivíduos das sociedades contemporâneas; e, de acordo com as influências que recebem, desenvolvem-se as suas competências, conhecimentos, esquemas de pensamento, atitudes, afetos e formas de comportamento (Gómez, 2015, p. 22).

Postman (1999) advertia que as fontes, mais significativas e constantes, de valores ao alcance das crianças e dos jovens eram a televisão, os videogames, as redes sociais e os intercâmbios digitais.

Nesse contexto, onde as fontes institucionalmente e historicamente destinadas à educação sofreram, sofrem e continuarão a sofrer mudanças, qual o papel da escola hoje, se a informação, os conteúdos técnicos e o conhecimento teórico estão à disposição de todos na internet? Mesmo a questão da socialização, fator importante para o desenvolvimento dos indivíduos, como nos mostra Gómez (2015), também, foi transferida para as redes sociais? Para Araújo e Puig (2007), o sentido (e razão de existir) das escolas reside no “[...] dever moral de educar moralmente os jovens”, mesmo porque, a economia que movimenta e impulsiona o desenvolvimento de um país, depende de fatores relacionados com valores morais, tais como: a convivência, a democracia, a confiança mútua, a auto-estima, a responsabilidade, o trabalho em equipe, a honestidade, a solidariedade, o esforço, a justiça social. Porque, mesmo compreendendo que uma das funções sociais da escola seja inserir novas gerações no mercado de trabalho, posto que a formação profissionalizante seja, sem dúvida, muito importante para a construção de uma sociedade, a educação moral (e cívica) não deve ser excluída dessa formação, “simplesmente porque o benefício econômico

não deveria pôr em dúvida a formação pessoal – não podemos prescindir de uma educação integral que aborde as diversas facetas do ser humano” (Araújo; Puig, 2007, p. 121–122).

Peyper, Van Eyden e Blackmorer (2021) afirmam que a relação educação-democracia tem sido examinada extensivamente na literatura. Glaeser *et al.* (2004), relatam que a educação é causal para a democracia; Lipset (1959) cita uma série de estudos que sugerem que o desenvolvimento econômico dá origem a uma cultura política mais democrática, devido em parte, ao aumento da educação. Todavia, esse mesmo autor assevera que o efeito democratizador da educação pode depender do tipo e da qualidade da educação argumentando, também, que a educação sozinha não é capaz de garantir a preservação da democracia, citando nesse aspecto, o caso da Alemanha, que sucumbiu à ditadura apesar de um sistema educativo avançado (Lipset, 1959). Segundo Peyper, Van Eyden e Blackmorer (2021), a educação está associada à democracia quando é um veículo para a promoção de valores emancipatórios, cujos valores demonstraram prever fortemente a democracia liberal. Em um estudo recente, Ruck *et al.* (2020), afirma que “as democracias estáveis estão há muito ligadas aos valores culturais dos cidadãos. Mas, a estabilidade das democracias em todo o mundo poderá ser vulnerável se certos valores culturais diminuïrem”.

Embora os trabalhos sobre o efeito da dimensão qualitativa da educação – do tipo que promove o empoderamento humano – permaneçam escassos (Peyper; Van Eyden; Blackmorer, 2021), encontramos no banco de dados da World Values Survey (2020)⁶, o necessário aporte teórico, em razão dessa ser considerada a maior investigação empírica transnacional não comercial de séries temporais de crenças e valores humanos já executada. Os idealistas desse projeto são Inglehart e Welzel (2009, p. 70) que afirmam que a educação “é a forma mais importante de capital na sociedade do conhecimento, que coloca aqueles com menores níveis educacionais em uma situação pior do que aquela em que viviam na era industrial”.

A Pesquisa de Valores Mundiais é um programa de pesquisa internacional dedicado ao estudo científico e acadêmico dos valores sociais, políticos, econômicos, religiosos e culturais das pessoas no mundo (World [...], 2020). Iniciado em 1981 por seu fundador, Inglehart (Institute [...], 2021) da Universidade de Michigan (EUA), esse projeto originou-se de um estudo sobre os Valores Europeus concebido para testar a hipótese de que as mudanças econômicas e tecnológicas contribuíam sobremaneira para transformar os valores e motivações básicos dos públicos das sociedades industrializadas. Com o objetivo de avaliar qual o impacto que a estabilidade ou mudança de valores ao longo do tempo tem no desenvolvimento social, político e econômico dos países e sociedades, esse projeto tem como principal instrumento de investigação uma pesquisa social comparativa representativa que é realizada globalmente a cada cinco anos. Para atingir este objetivo, o projeto cobre um amplo

⁶ Tradução: Pesquisa Mundial de Valores.

escopo de tópicos da área de Sociologia, Ciência Política, Relações Internacionais, Economia, Saúde Pública, Demografia, Antropologia, Psicologia Social, dentre outras áreas, compreendendo uma rede internacional de cientistas sociais e investigadores de 120 países e sociedades mundiais. Os dados de suas investigações são utilizados em milhares de publicações acadêmicas e as conclusões divulgadas nos principais meios de comunicação, como a Time, a Newsweek, o The New York Times, o The Economist, o Relatório sobre o Desenvolvimento Mundial, o Relatório sobre a Felicidade Mundial e o Relatório sobre o Desenvolvimento Humano da ONU. Da mesma forma, também é freqüente a utilização desses dados por governos acadêmicos, estudantes, jornalistas e organizações de todo o mundo como o Banco Mundial, a Organização Mundial da Saúde (OMS), o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) e a Sede das Nações Unidas em Nova York (EUA) (World [...], 2020).

O estudo seminal que deu origem ao projeto WVS foi realizado em 1971 sendo publicado na forma de artigo com o título *The Silent Revolution in Europe: Intergenerational Change in Post-Industrial Societies (A Revolução Silenciosa na Europa: mudança intergeracional nas sociedades pós-indutrias)*. Nesse trabalho, Inglehart investigou o fenômeno da mudança de valores fundamentais de uma geração para outra em alguns países da Europa Ocidental desde a II Guerra Mundial. Segundo o autor, “tais valores mudaram da opção por segurança econômica e ordem social (valores ‘aquisitivos’) para a expressão intelectual e artística, bem como por mudanças sociais radicais (valores ‘pós-burgueses’)” (Inglehart, 2012, p. 159). A hipótese básica desse seu estudo foi que os indivíduos sempre perseguem vários objetivos em ordem hierárquica – dando atenção máxima às coisas que sentem ser suas necessidades mais importantes ainda não satisfeitas em um dado momento.

Um homem perdido no deserto, por exemplo, pode estar obcecado com sua necessidade de água, devotando virtualmente toda a sua atenção a buscá-la. Quando o suprimento de água é facilmente disponível, mas os alimentos são escassos, o indivíduo não se importa mais com essa necessidade (tendo atingido homeostase biológica a esse respeito) e pode dedicar-se à coleta de alimento. Uma vez que seu suprimento de comida tenha atingido um nível de subsistência um indivíduo pode continuar empenhando-se a fim de garantir um nível confortável de segurança econômica; depois, ele pode gradualmente mudar seu foco, vindo a desejar bens mundanos como símbolos de afluência – mais com o objetivo de aumentar o seu status entre os seus conhecidos menos afluentes do que para a utilidade dos próprios bens. Em um sentido, entretanto, a busca de símbolos de afluência poderia ser vista como algo derivado da busca pelo sustento (Inglehart, 2012, p. 159-160).

A ideia de investigar a mudança de valores de uma geração para outra partiu ao estudar os protestos ocorridos em 1968, na França. Maio de 68, como ficou conhecido o evento, “foi um movimento marcado por uma grande onda de protestos que teve início a partir das mobilizações realizadas por estudantes franceses na

Universidade Paris, em Nanterre (região metropolitana de Paris)” repercutindo em todo o mundo, resultando em profundas mudanças na sociedade francesa, bem como na sociedade ocidental (Vieira, 2021). Segundo Inglehart (1971a), essa mobilização teve um impacto excepcionalmente poderoso no eleitorado francês, levando muitos eleitores a reexaminarem suas habituais preferências partidárias à luz dos valores fundamentais – e a realinharem-se de acordo. Conquanto a retórica dominante nessa revolta estudantil tenha-a apresentado como “o movimento de um proletariado explorado levantando-se contra a opressão burguesa gaullista”⁷, o cenário pós-levante – marcado por greves gerais, ocupações estudantis, desordens generalizadas e destruição de propriedades – culminaram por influenciar de forma contrária ao que parecia ser a proposta do movimento. O resultado das eleições subsequentes mostrou uma mudança inequívoca no desejo da classe trabalhadora.

As desordens de 1968 – particularmente porque acarretaram destruição de propriedade – parecem ter tido um impacto negativo na classe trabalhadora, mudando muitos dos trabalhadores de suas tradicionais lealdades políticas esquerdistas para o apoio ao General De Gaulle – que foi largamente visto como um garantidor da ordem (Inglehart, 2012, p. 161).

O resultado da rebelião e das eleições francesas de 1968 foi interpretado por Inglehart (1971a) com base no seguinte esquema conceitual: enquanto a moderna classe média (especialmente os mais jovens desse grupo de pessoas com ocupações não-manuais no setor moderno da economia e caracterizando-se por um nível mais alto de segurança econômica) tendeu a valorizar menos a segurança econômica e a ordem doméstica que os trabalhadores, essa mesma classe trabalhadora, frente ao caos resultante do movimento estudantil, tendeu, por sua vez, a valorizar mais a ordem doméstica e a segurança econômica do que os jovens do primeiro grupo. Após este seu trabalho (sobre o Maio de 68) (Inglehart, 1971a), Inglehart foi convidado para realizar mais pesquisas comparativas na Europa”, pesquisas estas cujos resultados originaram uma primeira formulação do que viria a ser a tese da revolução silenciosa, central para sua teoria” (Silva, 2021, p. 212).

⁷ Gaulismo é uma ideologia política francesa baseada nas ideias e na ação do General Charles de Gaulle (1890-1970), como o conservadorismo social e o dirigismo econômico. De Gaulle foi um general, político e estadista francês que liderou as Forças Francesas Livres durante a Segunda Guerra Mundial e presidiu o Governo Provisório da República Francesa de 1944 a 1946, a fim de restabelecer a democracia na França. Em 1958, saiu da reforma quando foi nomeado Presidente do Conselho de Ministros (Primeiro-ministro). Liderou a redação de uma nova Constituição, fundando a Quinta República e foi eleito presidente de França em 1958, cargo para o qual foi reeleito em 1965 e manteve, até sua renúncia, em 1969. Como presidente, Charles de Gaulle pôs fim ao caos político que precedeu o seu regresso ao poder. Durante seu governo, promoveu o controle da inflação e instituiu uma nova moeda em janeiro de 1960.

Inglehart (1971b) partiu da percepção de que grupos importantes entre as sociedades ocidentais haviam ultrapassado os estágios descritos anteriormente – da procura por elementos básicos de sobrevivência como água, alimento, segurança, dentre outros – alcançando um outro estágio de busca por itens, digamos assim, que não mais tinham relação direta com os imperativos da segurança econômica. Para tais indivíduos, oriundos em grande parte de grupos mais jovens das modernas classes médias da década de 70 do século XX (período pós-guerra⁸), os quais tinham vivido períodos longos e sem precedentes de abundância para essa geração, a segurança econômica podia ser vista como garantida, da mesma forma que o suprimento de água ou o ar que respiramos. É importante destacar que os estudantes envolvidos no movimento Maio de 68 eram jovens nascidos no pós-guerra que não passaram pelas mesmas dificuldades de sobrevivência que seus pais e avós. Esses aspectos levaram a uma nova escala de prioridades as quais se manifestaram tão logo essa geração de jovens europeus chegou à fase adulta (Charréu, 2020). Talvez isso explique a mudança de valores observada, então. Segundo o modelo proposto,

Os valores e comportamentos das pessoas são moldados em função do grau em que a sua segurança é tomada como certa, alterando-se substancialmente a partir do momento em que o nível de mera sobrevivência está assegurado. Aumenta a partir de então a abertura à mudança e há uma tendência para uma maior aceitação de novas ideias (Inglehart, 2012, p. 2).

Ao propor essa hipótese, Inglehart (2012, p. 160) afirmou que, caso ela se confirmasse – mudança de valores intergeracional – é bastante provável que, em consequência, ocorreria um conflito político intergeracional em vista dos indivíduos terem uma tendência a “reter uma dada hierarquia de valores ao longo de sua vida adulta, uma vez que seu caráter básico tenha sido formado durante a infância e a juventude”.

Uma ilustração poderia ser o avaro que experimentou dificuldades econômicas em sua infância, viu o trabalho duro e a frugalidade como uma via de saída e continuou acumulando freneticamente muito tempo após suas necessidades econômicas terem sido satisfeitas. É claro que esse é um caso extremo, mas evidências consideráveis sugerem que as pessoas tendem, de fato, a reter as preferências instiladas desde cedo (Inglehart, 2012, p. 160).

O trabalho de Inglehart (2012) sobre sua tese da revolução silenciosa deu origem à Teoria do Desenvolvimento Humano apresentada em 2005, no livro *Modernization, Cultural Change, and Democracy*⁹ (Inglehart; Welzel, 2009).

⁸ Primeira Guerra Mundial (1914-1918). Segunda Guerra Mundial (1939-1945).

⁹ Publicado em português, com o título “Modernização, Mudança Cultural e Democracia”.

Charréu (2020, p. 18) ao estudar o modelo de mudança social e de valores apresentado por Inglehart na década de 70, o resume da seguinte forma: “devido a uma segurança econômica e física presente desde o nascimento de grande parte da população ocidental, o foco dos valores dessa sociedade tem ido ao encontro de um desejo por melhor qualidade de vida e mais educação”, concluindo ser, cada vez mais comum que os cidadãos frequentem cursos universitários.

No que se refere ao aumento na busca por educação, muitos são os estudos sobre o efeito que a educação (de nível superior, no caso) tem sobre os jovens estudantes. Dentre eles: - The impact of college on students¹⁰ (Feldman; Newcomb, 1994), - Four critical years: effects of college on beliefs, attitudes and knowledge¹¹ (Astin, 1977), e, - What matters in college: four critical years revisited¹² (Astin, 1993), How College Affects Students¹³ (Mayhew *et al.*, 2016). Cada uma dessas obras examina o impacto da faculdade nos alunos, nos seguintes aspectos: na identidade, no auto-conceito, em seus valores, atitudes e crenças. Mintz (2023), ao escrever sobre o mesmo tema – o impacto da educação nos estudantes de graduação – concluiu que a faculdade afeta os estudantes de maneiras que vão muito além da aquisição de conhecimentos e habilidades. “A faculdade influencia as suas atitudes em relação à raça, diversidade, gênero, sexo e religião, bem como o seu desenvolvimento psicossocial, contribuindo para o crescimento da confiança e da auto-estima dos alunos”. Mesmo compreendendo que um diploma de curso superior por si só, não garante que o indivíduo tenha sucesso profissional, todavia, é inegável a grande diferença nas atitudes e no comportamento dos indivíduos que chegam a conquistá-lo. Segundo os estudos citados anteriormente, o ensino superior está ligado a um maior envolvimento cívico e a taxas mais altas de votação. Mintz (2023), afirma que, nos últimos anos ter (ou não) um diploma universitário tornou-se uma importante linha divisória partidária. Por serem expostos a um novo vocabulário (acadêmico), a novas ideias e valores, os estudantes sofrem, também, influência em suas opiniões, pontos de vista e formas de pensar. Dentre essas ideias, conceitos, valores e modos de pensar que são influenciados destacamos o discurso acadêmico o qual, segundo esse autor, diz respeito ao nível de familiaridade e fluência que os estudantes passam a ter com conceitos associados ao pós-modernismo e ao pensamento de justiça social, como a fluidez das identidades de gênero e sexuais, a interseccionalidade (Moragas, 2023) e a indeterminação da verdade absoluta.

¹⁰ Tradução: O impacto da faculdade nos estudantes.

¹¹ Tradução: Quatro anos críticos: efeitos da faculdade nas crenças, atitudes e conhecimento.

¹² Tradução: O que importa na faculdade: quatro anos críticos revisitados.

¹³ Tradução: Como a faculdade afeta os alunos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Voltando aos estudos iniciais de Inglehart (1971b) sobre a mudança de valores que acontece entre uma geração e outra, não obstante, há valores que são imprescindíveis para a manutenção de uma sociedade democrática e, por conseguinte, considerados constantes e invariáveis. Nesse sentido e, como bem refletido por Magalhães (2012), não podemos olvidar que o projeto, não somente de construção, mas, sobretudo, de manutenção da democracia depende da transformação do sujeito sobre o qual ela pretende atingir, isto é, “para salvaguardar a liberdade, a igualdade, a justiça social, dentre outros valores queridos pela nação, indispensável é a preparação do cidadão no sentido de conhecer, respeitar e manter os ideais democráticos da sociedade, além de ampliar a compreensão, durante toda a vida, do alcance de tais ideais”.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, Ulisses F.; PUIG, José Maria. Pontuando e contrapondo. *In*: ARANTES, Valéria Amorim (org.). **Educação e valores**. São Paulo: Summus, 2007. p. 107–139.
- ASTIN, Alexander W. **Four critical years**: effects of college on beliefs, attitudes and knowledge. San Francisco: Jossey-Bass, 1977.
- ASTIN, Alexander W. **What matters in college**: four critical years revisited. San Francisco: Jossey-Bass, 1993.
- BURGELIN, Pierre. Prefácio. *In*: ROUSSEAU, Jean-Jacques. **O contrato social**: princípios do direito político. São Paulo: Martins Fontes, 1999. p. X.
- CHARRÉU, João Francisco Vieira Marques. **A revolução silenciosa de Ronald Inglehart**: quatro décadas de evolução dos valores materialistas e pós-materialistas. 2020. Dissertação (Mestrado em Ciência Política) - Universidade do Minho, Portugal, 2020. Disponível em: <https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/70812/1/Disserta%c3%a7%c3%a3o%20Jo%c3%a3o%20Francisco%20Vieira%20Marques%20Charr%c3%a9u.pdf>. Acesso em: 11 abr. 2024.
- FEILITZEN, Cecília Von. Educação para a mídia na perspectiva das crianças e adolescentes. Educação para a mídia. *In*: MACEDO, Alessandra X. N.; PIRES, Davi U. B. S.; ANJOS, Fernanda A. **Cadernos de debate da classificação indicativa**. Brasília: Educação para Mídia, 2014. p. 14-21. Disponível em: <https://www.gov.br/mj/pt-br/assuntos/seus-direitos/classificacao-1/volume-5v2.pdf>. Acesso em: 18 mar. 2025.

FELDMAN, Kenneth A.; NEWCOMB, Theodore M. **The impact of college on students**. New York: Routledge, 1994. v. 1. Disponível em: <https://www.taylorfrancis.com/books/mono/10.4324/9780429339059/impact-college-students-kenneth-feldman-theodore-newcomb?context=ubx&refId=da2a660f-b226-46f8-bfd0-7695f28a62d4>. Acesso em: 15 abr. 2024.

GADOTTI, Moacir. **História das ideias pedagógicas**. São Paulo: Ática, 2003.

GLAESER, Edward L. *et al.* Do institutions cause growth? **Journal of Economic Growth**, Heidelberg, v. 9, n. 3, p. 271-303, 2004. Disponível em: <https://link.springer.com/article/10.1023/B:JOEG.0000038933.16398.ed>. Acesso em: 21 mar. 2024.

GÓMEZ, A. I. P. **Educação na era digital**: a escola educativa. Porto Alegre: Penso, 2015, p. 14.

INGLEHART, Ronald. A revolução silenciosa na Europa: mudança intergeracional nas sociedades pós-industriais. **Revista de Sociologia e Política**, Paraná, v. 20, n. 43, p. 159-191, out. 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rsocp/a/QqnRdcpXbsW3pdbhLZ5g6S/abstract/?lang=pt#>. Acesso em: 15 abr. 2024.

INGLEHART, Ronald. Révolutionnarisme post-bourgeois en France, en Allemagne et aux Etats-Unis. **II Político**, Pavia (Itália), v. 36, n. 2, p. 209-38, jun. 1971a. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/43207377>. Acesso em: 15 abr. 2024.

INGLEHART, Ronald. The silente revolution in Europe: intergenerational change in post-industrial societies. **American Political Science Review**, Cambridge, v. 65, n. 4, p. 991-1017, 1971b. Disponível em: https://econpapers.repec.org/article/cupapsrev/v_3a65_3ay_3a1971_3ai_3a04_3ap_3a991-1017_5f13.htm. Aceso em: 15 abr. 2024.

INGLEHART, Ronald; WELZEL, Christian. **Modernização, mudança cultural e democracia**: a sequência do desenvolvimento humano. São Paulo: Francis, 2009.

INSTITUTE for Social Research. **Center for political studies**. Michigan: University of Michigan, 2021. Disponível em: <https://cps.isr.umich.edu/news/ronald-inglehart-obituary/>. Acesso em: 11 abr. 2024.

JAEGER, Werner. **Paideia**: a formação do homem grego. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

LIPSET, Seymour Martin. Some social requisites of democracy: economic development and political legitimacy. **The American Political Science Review**, Estados Unidos, v. 53, p. 69-105, mar. 1959. Disponível em:

<https://www.jstor.org/stable/1951731?origin=JSTOR-pdf>. Acesso em: 05 abr. 2024.

MAGALHÃES, Marcio Carvalho de. A Educação Como Elemento Propulsor do Estado Democrático de Direito. **Revista de Direito Educacional**, São Paulo, v. 6. jul/dez. 2012, p. 181-246. Disponível em:

https://www.mpggo.mp.br/portal/arquivos/2023/08/28/15_13_46_76_A_educacao_como_elemento_propulsor_do_estado_democratico_de_direito.pdf. Acesso em: 04 abr. 2024.

MASETTO, Marcos Tarciso. Inovação na aula universitária: espaço de pesquisa, construção de conhecimento interdisciplinar, espaço de aprendizagem e tecnologias de comunicação. **PERSPECTIVA**, Florianópolis, v. 29, n. 2, p. 597-620, jul./dez. 2011. Disponível em:

https://www.researchgate.net/publication/315009147_Inovacao_na_aula_universitaria_espaco_de_pesquisa_construcao_de_conhecimento_interdisciplinar_espaco_de_aprendizagem_e_tecnologias_de_comunicacao_-_doi_1050072175-795X2011v29n2p597. Acesso em: 04 jul. 2021.

MAYHEW, Matthew J. *et al.* **How college affects students**. San Francisco: Jossey-Bass, 2016.

MINTZ, Steven. How College Transforms Students. **Inside Higher Education**, Washington, 12 mar. 2023. Disponível em:

<https://www.insidehighered.com/blogs/higher-ed-gamma/how-college-transforms-students>. Acesso em: 19 abr. 2024.

MORAGAS, Vicente Junqueira. O que é interseccionalidade? **Tribunal de Justiça do Distrito Federal e dos Territórios (TJDFT)**, Brasília, 13 set. 2023. Disponível em:

<https://www.tjdft.jus.br/ acessibilidade/publicacoes/ sementes-da-equidade/o-que-e-interseccionalidade>. Acesso em: 23 abr. 2024

MORAN, José Manuel. **A educação que desejamos**: novos desafios e como chegar lá. Campinas: Papirus, 2007.

PEYPER, Carla; VAN EYDEN, Reneé; BLACKMORER, Sansia. The road to progressive political institutions: revisiting the link between education and democracy. **World Values Research**, Áustria, v. 13, n. 1, p. 1-37, 2021. Disponível em:

<https://www.worldvaluessurvey.org/WVSPublicationsPapers.jsp>. Acesso em: 10 fev. 2023.

PLATÃO, Aristocles. **As leis (ou da legislação)**. São Paulo: Edipro, 2021.

POSTMAN, Neil. **El fin de la educación**: una nueva definición del valor de la escuela. Barcelona: Octaedro, 1999.

REID, Elizabeth M. **Electropolis**: communication and community on internet relay chat. 1991. Honours thesis, University of Melbourne, 1991. Disponível em: <https://www.irchelp.org/misc/electropolis.html>. Acesso em: 05 maio 2024.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Emílio ou da educação**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **O contrato social**: princípios do direito político. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

RUCK, Damian J. *et al.* The cultural foundations of modern democracies. **Nature Human Behavior**, Londres, v. 4, p. 265–269, 2020. DOI : <https://doi.org/10.1038/s41562-019-0769-1>. Acesso em: 11 abr. 2024.

SIEMENS, G. Connectivism: a learning theory for the digital age. **International Journal of Instruction Technology and Distance Learning**, Leeds, v. 2, n. 1, p. 3-10, 2005. Disponível em: http://www.itdl.org/Journal/Jan_05/article01.htm. Acesso em: 31 jan. 2024.

SILVA, Gregório Unbehaun Leal da. Ronald Inglehart (1934-2021): o legado da teoria do desenvolvimento humano. **Profanações**, Santa Catarina, v. 8, p. 211–231, 2021. Disponível em: <https://www.periodicos.unc.br/index.php/prof/article/view/3736>. Acesso em: 11 abr. 2024.

SILVA, Leniel Augusto da. Importância da educação de valores para a formação moral do indivíduo (A). **Pedagogia ao Pé da Letra**, Espírito Santo, 2012. Disponível em: <https://pedagogiaaopedaletra.com/a-importancia-da-educacao-de-valores-para-a-formacao-moral-do-individuo/>. Acesso em: 18 ago. 2020.

VIEIRA, Thereza Carolina Gonçalves. Educação ou Barbárie? Uma escolha para a sociedade contemporânea. **Quaestio - Revista de Estudos em Educação**, Sorocaba, v. 23, n. 2, p. 609–612, 2021. Disponível em: <https://periodicos.uniso.br/quaestio/article/view/4778>. Acesso em: 13 maio 2024.

WORLD ValuesSurvey (WVS). Estocolmo, 2020. Disponível em: <https://www.worldvaluessurvey.org/wvs.jsp>. Acesso em: 29 mar. 2022.

ZACARIAS, William Felipe. Falta de educação. **Sociedade**, São Paulo, 2016. Disponível em: <http://obviousmag.org/repensar/2016/falta-de-educacao.html>. Acesso em: 02 jul. 2020.

CONTRIBUIÇÃO DAS AUTORAS

Thereza Carolina Gonçalves Vieira – Coordenadora do projeto, participação ativa na análise dos dados, na escrita do texto e na revisão da escrita final.

Alexandra Bujokas de Siqueira – Análise dos dados e escrita do texto.